



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA  
AFRO-BRASILEIRA (UNILAB)  
INSTITUTO HUMANIDADES E LETRAS (IHL)  
BACHARELADO EM HUMANIDADES (BHU)**

**ANÁLISE DA SIGNIFICAÇÃO DO QUE É SER PARDO NO BRASIL E SUA  
RELAÇÃO COM O RACISMO.**

**LARISSA GUIMARÃES DE SOUSA**

Acarape- CE

2017



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA  
AFRO-BRASILEIRA (UNILAB)**

**INSTITUTO HUMANIDADES E LETRAS (IHL)**

**BACHARELADO EM HUMANIDADES (BHU)**

**LARISSA GUIMARÃES DE SOUSA**

**ANÁLISE DA SIGNIFICAÇÃO DO QUE É SER PARDO NO BRASIL E SUA  
RELAÇÃO COM O RACISMO.**

Projeto de Pesquisa, apresentado à Banca Examinadora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, para obtenção do grau de Bacharel em Humanidades.

**ORIENTADOR: Prof. Dr. Lourenço Cardoso**

Acarape (CE)

2017

## APRESENTAÇÃO

Quem não conhece um sujeito nem tão branco, nem suficiente negro, que nos deixa na incógnita: "afinal", de qual identidade ele/ela se 'apropria'? (LOPES, 2014, p.50). Este fragmento será o ponto de partida para a produção deste projeto. LOPES (2014) em sua tese de mestrado através de uma inquietação pessoal sobre qual categoria racial pertence se apropria de um estudo em busca da sua identidade e na significação dela através de fatos e fontes históricas. LOPES (2014) sentiu dificuldade de autodeclarar-se, assim como eu e quase sete mil pessoas no Brasil não conseguem se posicionar em alguma categoria racial segundo o censo do IBGE 2010, há ausência de fontes literárias mais sucintas e claras a respeito do pardo que necessita ser aprofundado para devidas compreensões. É evidente que falar sobre questões raciais no Brasil é um assunto polêmico já que o país é marcado pela diferença étnica-racial e cultural.

Após 516 anos da invasão portuguesa e de outras nações no Brasil ainda é perceptível às consequências dessa ocupação, os rastros da colonização é totalmente explícito no século XXI devido à pluralidade regional, cultural-étnica existente e principalmente como as diferenças étnico-raciais se relacionam no território brasileiro. Para a busca da significação do que é ser pardo é necessário enfatizar que o pardo é um objeto de estudo encoberto, não muito relatado, já que duas identidades entram em maior evidência nas fontes e em relatos históricos dos pesquisadores: o que é ser Branco e principalmente o que é ser Negro.

Este trabalho tem como objetivo geral esmiuçar em determinados marcos históricos relacionados na perspectiva racial a significação do pardo na tentativa de clareza e compreensão. Para além disso, evidenciar a necessidade de estudos mais profundos destinados a essa temática. Valem ressaltar que as fontes são primárias e secundárias, livros, sites com análises históricas dos censos do IBGE e finalmente, este trabalho reflete na urgência de responder a uma inquietação racial predominante em mim e provavelmente para outras pessoas.

## **DELIMITAÇÃO DO OBJETO**

Assuntos raciais são assuntos relevantes na sociedade. Historicamente é comprovado o quanto o ser branco tinha seu apaz e as consequências que a identidade negra sofreu é altamente explícita. Mediante a leitura e pesquisas foi perceptível o quanto que a identidade branca e a negra eram os principais objetos de estudos no ramo científico, porém o pardo não era um objeto tão relatado.

Pardo tem um conceito consistente e elaborado do conhecimento da maioria da população como reflexo do cruzamento do ser branco com o ser negro, como fuga da identidade negra, mas é evidente que provavelmente assim como as demais categorias a identidade parda possui mais significações e conceituações na medida da história.

Buscar vestígios da categoria parda através de fontes primárias e secundárias com sites do IBGE e pistas através de literaturas antigas até a mais atual será de relevância para a delimitação e compreensão deste objeto de estudo: Pardo e a sua significação histórica.

## **OBJETIVOS**

Pardo é a palavra chave que será o principal objeto de estudo deste trabalho. É necessário expor os principais anseios que marcam a produção desta pesquisa; o primeiro retrata o que significa o pardo na história e o segundo se refere o porquê do pardo ter sumido nos primeiros censos sendo substituído por mestiço e recentemente ter retornado tornando-se categoria no IBGE. O objetivo geral é definido na busca de compreender através de determinados marcos históricos de relevância racial a significação do ser pardo com auxílio de investigação de fonte literária secundária que possa contribuir de maneira clara.

Os outros aspectos que compõem o quadro de objetivos específicos se referem aos aspectos: sociedade e racismo respectivamente ficam submetidos assim: Pesquisar o pardo através de investigações literárias primárias e secundárias, outro ponto se refere em investigar se há uma relação intrínseca do racismo com a categoria pardo.

## **JUSTIFICATIVA**

Inicialmente este trabalho é oriundo de uma inquietação pessoal sobre qual identidade sou pertencente, isso se deu pela ausência de clareza literária evidenciando o pardo, já que em diversas leituras sobre aspectos raciais o que era mais nítido eram questões sobre o ser branco e o ser negro. Senti a ausência de retratar o pardo como identidade e sua contribuição na história, então, buscar compreender a significação do pardo em determinados processos históricos é considerável.

O passado se perpetua no presente, essa é a lógica do livro Raízes do Brasil cujo autor é Sergio Buarque de Holanda que reflete como as raízes do passado se perpetuam e tornam-se visíveis no presente da sociedade, assim a perspectiva racial é um assunto polêmico há alguns séculos principalmente no século XIX com o cientificismo racial, temas como negro, branco eram bastante discutidos por intelectuais tais como Conde Gobineau, Nina Rodrigues. Retratar sobre aspectos raciais é um assunto de grande relevância, pois os censos refletem uma diferenciação a cada levantamento, ou seja, a percepção das pessoas está mudando, apesar de milhares de brasileiros reconhecerem sua identidade, há uma necessidade de esclarecimento para quase sete mil brasileiros que não se declaram em alguma categoria.

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA PRELIMINAR**

### **O PARDO COMO SUJEITO ÍNDIO**

Tudo começou bem antes da invasão dos portugueses no Brasil. Portugal estava desenvolvendo uma economia baseada nas navegações e passou a investir nesse mercado tornando-se pioneiro em expansão marítima que por sinal teve bastante êxito. A Coroa portuguesa lucrou muito explorando novas terras, uma das primeiras conquistas foi Ceuta em 1415 e após essa conquista tornou-se incentivo significativo no mercado marítimo, pois Portugal obteve várias vitórias consecutivas tais como: exploração em territórios africanos e por último em 1487 a descoberta do oceano Índico que facilitaria mais ainda a lucratividade com especiarias e descobertas de novas terras. Portugal estava concentrado em expandir território e na busca de especiarias que naquele período era altamente valorizado. Para encontrar especiarias era preciso navegar em busca dela, porém os portugueses não era o

único país que estava em busca de terras e condimentos, a Espanha também estava e a partir disso outro episódio entra em cena: a consolidação do Tratado de Tordesilhas entre Portugal e Espanha que assim seria uma separação do território do mundo entre esses dois países. A conquista de fato ocorreu com a invasão dos portugueses no Brasil em torno de 1500. As embarcações estavam a comando de Pedro Álvares Cabral que estava responsável pela expansão da Coroa Portuguesa através das navegações. Cada pista de algum território favorável á Portugal era registrada para expor ao Rei português e o escrivão responsável do registro durante a invasão do Brasil em torno de 1500 foi o português Pero Vaz de Caminha. Através da sua carta de registro ao Rei descreveu sobre as paisagens do novo território e a condição dos novos habitantes. É nesse documento que é possível depreender o primeiro significado histórico do pardo:

*Eram pardos, todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Nas mãos traziam arcos com suas setas. Vinham todos rijos sobre o batel; e Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles os pousaram.*

CAMINHA (1500, p.2) – (grifo nosso).

O pardo, portanto, era o indígena, esse é o início de uma arqueologia. Em outro fragmento é possível depreender características do pardo no relato de Caminha:

*A feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem-feitos. Andam nus, sem nenhuma cobertura. Nem estimam de cobrir ou de mostrar suas vergonhas; e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto.*

CAMINHA (1500, p.3) – (grifo nosso).

Não somente Caminha que descreveu o Novo Mundo e os habitantes dele, Pêro Magalhães de Gândavo por volta de 1576 também descreveu minuciosamente as características naturais do Brasil e também dos habitantes com uma percepção diferente de Caminha:

*Não se pode numerar nem compreender a multidão de bárbaro gentio que semeou a natureza por toda essa terra do Brasil; porque ninguém pode pelo sertão dentro caminhar seguro, nem passar por terra onde não ache povoações de índios armados contra todas as nações humanas, e, assim, como são muitos, permitiu Deus que fossem contrários uns aos outros, e que houvessem entre eles grandes ódios e discórdias, porque se assim não fosse os portugueses não poderiam viver na terra nem seria possível conquistar tamanho poder de gente.*

SCHWARCZ (2012, p.12) – (grifo nosso).

Essa era uma percepção etnocêntrica portuguesa que caracterizava os indígenas desse Novo Mundo: bárbaros gentios que lutavam entre si e mesmo assim favorecia o reino português. Outras características: “são povos sem F, sem L, sem R: sem fé, sem lei e sem Rei” SCHWARCZ (2012, p.11) para além disso é possível encontrar outras características em um outro fragmento:

Finalmente que soa esses índios muito *desumanos e cruéis*, não se movem a nenhuma piedade: vivem como *brutos animais sem ordem* e nem concerto de homens, soam muitos *desonestos e dados à sensualidades e entregam-se aos vícios como se neles não se houvera razão de humanos [...]* Todos comem carne humana e tem-na como a melhor iguaria de quantas pode haver [...] Estes índios vivem muitos *descansados*, não têm cuidado de coisa alguma senão de comer e beber e matar gente; e por isso são muito *gordos em extremo*: e assim também como qualquer desgosto emagrecem muito: e como se agastam de qualquer coisa comem terra e desta maneira morrem muitos deles bestialmente.

SCHWARCZ (2012, p.13) – (grifo nosso).

A partir deste fragmento Pêro Magalhães de Gândavo afirmava que os índios eram canibais preguiçosos por esse motivo eram gordos, vistos como animais sem ordem e a missão portuguesa numa visão missionária e civilizatória seria a humanização e salvação desses habitantes e principalmente o objetivo português estava concentrado na dominação territorial, genocídio cultural, negociações e lucratividade. O foco deste tópico é expor a primeira evidência do pardo e as primeiras características através de relatos históricos etnocêntrico das primeiras testemunhas do Brasil colonial. É notório através dos fragmentos captar as características dos primeiros pardos supostos índios habitantes do Brasil: inicialmente uma surpresa, encanto e esplendor de beleza descrito por Pero Vaz de Caminha em contrapartida pela descrição pessimista de Pêro Magalhães de Gândavo.

## **MESTIÇO: SUPOSTO PARDO NA TENTATIVA DE SER SUJEITO BRANCO**

### **Cenário mundial: o cientificismo racial no final do século XVIII e início do século XIX**

Após o Brasil colonial, o século XVIII foi evidenciado por várias revoluções predominante em alguns países, o movimento iluminista, a Revolução Francesa, Revolução Industrial foram marcos históricos significativos já que a utilização da razão com base no método científico, o homem como objeto central de análises empíricas e a ruptura do pensamento teocrático que foi predominante influência na realidade social europeia. O século XVIII estava repleto de ideias iluministas a questão da universalidade e perfectibilidade da

humanidade defendida por Rousseau estava sendo contestada por uma parte dos pesquisadores sobre: como a humanidade pode ser igualitária se existe diferença? (essa diferença se refere principalmente aos habitantes descobertos através das Grandes Navegações).

De um lado, a visão humanista herdeira da Revolução Francesa, que naturalizava a igualdade humana; de outro, uma reflexão ainda tímida, sobre as diferenças básicas existentes entre os homens. A partir do século XIX, será a segunda postura a mais influente, estabelecendo-se correlações rígidas entre patrimônio genético, aptidões intelectuais e inclinações morais.

SCHWARCZ (1957, p. 46-47)

Um novo mecanismo de pensamento surgia causado pela não conformidade com as teses do século XVIII, a partir de então o termo raça e origem da humanidade tornam-se assuntos centralizados que marcaria o século XIX. Para tais explicações duas linhas de pensamentos se tornaram fortes: de um lado monogenistas e de outro poligenistas. Apesar desses pensamentos terem se tornado predominantes nos debates entre os intelectuais na busca de respostas, outra vertente de pensamento: a evolução das espécies 1859, cujo autor é Charles Darwin auxilia nas análises e supostas explicações que de certa forma a palavra central entre esses pensamentos foi: Evolução<sup>1</sup>.

A novidade estava, dessa forma, não só no fato de *as duas interpretações assumirem o modelo evolucionista* como em atribuírem ao conceito de raça uma conotação bastante original, *que escapa da biologia para adentrar de cunho político e cultural*

SCHWARCZ (1957, p.55) – (grifo nosso).

Com este fragmento depreende-se que o conceito evolução que inicialmente estava destinado para área biológica passou a ser destinado e reinterpretado pelas elites no âmbito social e moral como formas de explicar a diferença racial: o negro, o mestiço; a evolução teria correlação com a palavra civilização, quanto mais branca uma pessoa era, mais próxima do cunho civilizatório ela estava; outra interpretação foi à ideia da seleção natural, a concepção de que o mais forte prevalece estava carregado de um racismo e uma dominação europeia, o ser branco estava à frente (nesse contexto) entre os indivíduos diferentes, então a naturalização e hierarquização racial estava sendo sustentada e justificada por teses científicas.

---

<sup>1</sup> Apesar de o termo evolução ter ganhado destaque com Charles Darwin, esse conceito já era discutido e analisado por MORGAN.



Teorias e mais teses em busca da explicação e compreensão do diferente passou a ser central. O darwinismo social ganha destaque, tese que condenava o cruzamento híbrido, pois a mestiçagem era vista de forma degenerada por não possuir o enaltecimento da raça pura, partir de então a sociedade passou a ser submetida por leis biológicas favorecendo mais ainda idealização como a eugenia, defendida por GALTON (1869) retrata que a hereditariedade a partir de raças diferentes era condenável e para obter uma boa nação era preciso medidas que evitassem o cruzamento entre raças diferentes; “esses pensadores afirmavam que o resultado de um casamento híbrido era sempre degenerado ou mais fraco. Pior ainda, carregava os defeitos (e não as qualidades) de cada um de seus ancestrais” SCHWARCZ (1957) o objetivo deles era através da restrição poder manter a concepção da raça pura e civilizatória. Não muito diferente desse pessimismo o Conde Gobineau, citado por Schwarcz (2012) admitia que “o resultado de uma mistura é sempre um dano”, ou seja, a mestiçagem era um problema na sociedade, pois destruía a raça pura.

### **Cenário brasileiro: cientificismo racial século XIX e século XX.**

Com a repercussão do darwinismo social e de seus teóricos, essa tese influenciou intelectuais de muitos locais inclusive no Brasil. No começo do século XX, a pauta da diferenciação e da mestiçagem foi muito questionada. Inicialmente Nina Rodrigues, influenciado por ideais de Gobineau e Lombroso acreditava que a mestiçagem era uma verdadeira degeneração e decadência. Segundo Schwarcz (2012), Nina Rodrigues foi um famoso médico e pesquisador sobre o Direito e desenvolveu diversas obras.

Nina Rodrigues via a mestiçagem de maneira negativa, como teor de inferioridade e que não alcançaria o almejo civilizatório. Em sua percepção ele acreditava que o cruzamento ao invés de ser a solução de uma nação branca seria o inverso: a contaminação da raça pura, branca e ariana, ou seja, a decadência mais ainda da nação que já estava fortemente miscigenada. Por outro ângulo, outros intelectuais não viam a mestiçagem como degeneração e decadência:

Apesar de João Batista Lacerda se achar distante da literatura da ficção [...] ao participar do I Congresso Internacional das Raças, realizado em julho de 1911, apresentava a tese intitulada “Sur les métis au Brésil” Nesse ensaio a mensagem era clara: “É lógico supor que, na entrada de novo século, *os mestiços terão desaparecido no Brasil*, fato que coincidirá com a *extinção paralela da raça negra entre nós*”

SCHWARCZ, (2012, p.20) – (grifo nosso)

Com este fragmento, é notório que a mestiçagem não era somente vista como a decadência da nação, mas sim uma possibilidade de se obter a sonhada nação branca. O branqueamento passou a ser um projeto nacional que dentre alguns anos o Brasil seria branco como é possível depreender com a tabela abaixo

\*o símbolo que está dentro do parêntese (–) significa menos; a letra N. incógnita.

GERAÇÃO	CRUZAMENTO	RESULTADO
1° Geração	Branco x negro	- negro
2° Geração	Branco x – negro	- - negro
3° Geração	Branco x - - negro	- - - negro
4° Geração	Branco x - - - negro	- - - - negro
5° Geração	Branco x - - - - negro	- - - - - negro
N. Geração	Branco x N(negro)	Branco

Tabela: (Elaboração própria, 2017)

A lógica era a cada cruzamento o gene dominante ser branco e mais forte para resultar em um ser menos negro, isso reflete, portanto, um resultado mestiço. A percepção agora de mestiço era um ser quase lá, não era branco, porém não estava mais próximo do negro.

Este tópico resumidamente e de forma objetiva retrata o mestiço, o suposto pardo, que em períodos relativamente curtos teve duas significações: um ser degenerado e decaído e um ser quase branco, uma esperança de uma nação brasileira branca.

### **MESTIÇO: SUPOSTO PARDO NA TENTATIVA DE SER SUJEITO NEGRO**

**A valorização do Mestiço, Brasil década de 1930 e o posicionamento da valorização do negro.**

Durante as primeiras décadas do século XX no Brasil estava em alta a política de branqueamento, o ser branco almejado, o mestiço um resultado e o negro inferiorizado. O racismo era explícito com teor biológico naturalizado pelas elites e políticas da época, até que Gilberto Freyre, um grande sociólogo publicou uma obra que se tornou uma clássica no Brasil chamada Casa-Grande e Senzala, esta obra além de uma descrição sobre a realidade dentro das senzalas e casa dos senhores passou a reconfigurar a imagem do mestiço, ele não era um ser degenerado nem somente mecanismo de estratégia política no almejo da nação brasileira branca, o mestiço estava sendo valorizado e transformado como identidade nacional. O mestiço em outras palavras representava a verdadeira representação do Brasil, fruto cultural e exemplificação da imagem brasileira. Para além da valorização do mestiço, ocorria a tese da harmonia entre as raças a conhecida: democracia racial, tese pela qual afirmava que todas as raças estavam em harmonia e por fim não havia racismo. Complica-se falar em harmonia racial e negar o racismo enquanto a imagem da realidade racial resumia-se assim: branco superior, mestiço valorizado e negro sem valor. É notório a prática do racismo a partir do momento em que um determinado grupo racial não é reconhecido enquanto outros mantêm apaz.

Mediante a isso, o negro passou a se movimentar e lutar pela sua valorização e reconhecimento. Sabe-se que o negro foi submetido ao trabalho escravo desde a colonização que percorreu muitos anos. Ele lutava pela sua liberdade através da resistência ou fugindo. Aparentemente a reivindicação contra a exploração, sofrimento e maus tratos pareciam ter tido uma solução com a abolição da escravidão através da Lei Áurea em 1888. O que parecia ser uma conquista na realidade teve outra significação, a marginalização do negro que se estabeleceu com mais força e com isso o racismo foi intensificado com técnicas poligenistas, a frenologia, e antropometria criminal, esses mecanismos alegavam que pelo tamanho do cérebro e análises do comportamento humano juntamente como fenótipo seria capaz de induzir personalidade e o futuro de um sujeito. O mau caráter segundo resultado das técnicas geralmente pertencia aos negros que estavam sujeitos a prática de crime, pois o crime era um mecanismo de sobrevivência já que negros não era incluído na sociedade. Praticamente tornava-se incontestável uma pessoa negra reivindicar a injustiça social sofrida pela elite já que para eles o positivismo por si já era resposta suficiente comprovada através de leis naturais/ biológicas.

Entretanto, em 1931, organização entre os negros como mecanismo de lutar por um reconhecimento social se intensificou. A Frente Negra Brasileira alegava que o negro podia assumir um papel de liderança sócio-política e de que deveria ser incluído na sociedade assim como qualquer outro grupo social. Esse movimento foi de extrema importância, pois não estava apenas lutando pela inclusão social mais também no combate do preconceito, discriminação. A proporção da luta pelo reconhecimento da capacidade negra tomou proporções consideráveis sendo sementes para muitas outras plantações de reivindicações tais como: a valorização artística negra com o Teatro Experimental do Negro, Movimento Negro Unificado entre outros. O movimento racial negro estava lutando pelo reconhecimento social, porém com a valorização do mestiço e a forte influência do branqueamento esse movimento assim como outros enfrentaram bastante dificuldade na organização, já que segundo LOPES(2014) alega que a identidade negra foi atingida e enfraquecida com o branqueamento e a democracia racial.

A farsa da democracia racial só veio a tona com Florestan Fernandes. Florestan Fernandes um grande sociólogo participava de movimentos sociais e seu posicionamento estava mais intensificado para as questões esquerdistas. Esse sociólogo problematizou e expôs que a harmonização entre raças é um mito, que há racismo no Brasil e retrata as condições de bloqueio do negro na integração na sociedade brasileira. Fortalecer a imagem negra e valorizá-la era algo bem complexo e que precisava ser reconhecido socialmente. O mestiço, nesse período enfraquece o movimento negro, pois a maioria das pessoas era miscigenada e conseqüentemente a construção ideológica das conseqüências da identidade negra fazia com que esse movimento continuasse enfraquecido. Uma pista que pode perceber sobre o mestiço negro se depara justamente para fins de fortalecimento do movimento negro:

Na década de cinquenta do século passado, Alberto Guerreiro Ramos propôs uma outra dimensão para o significado de ser negro. Para Guerreiro Ramos ser negro significava ser povo brasileiro, em oposição ao branco, que significava ser elite. Por conseqüência desse pensamento, esse sociólogo vai sugerir que se *juntem negros e pardos na classificação de negros em 1957*, porque essas duas categorias, que indicam a pertença étnica e racial, possuíam os mesmos indicadores sociais, também, representariam o povo brasileiro.

CARDOSO (2008, p.124) – (grifo nosso)

Mediante o fragmento acima, a lógica era, se o movimento negro foi enfraquecido com devido à teoria de branqueamento e com a valorização do mestiço o que era preciso para fortalecer o movimento negro era a unificação entre mestiços e negros e para isso bastava o

mestiço reconhecer e aceitar a condição de ser negro assim seria uma alavanca considerável e significativa para fortaleza do movimento negro. A grande questão é que mestiços não se reconhecem como negros, segundo Munanga (1999) “O mestiço quer ser branco porque existe um ideal de branqueamento”, a partir deste fragmento induzem que enquanto o branco continua sendo almejado, mestiços lutam para serem brancos, provavelmente alguns negros desencorajados lutam para serem mestiços, enquanto outros negros lutam pelo reconhecimento fortalecimento de sua imagem: a negritude, é bem verdade que não está isento a possibilidade de que mestiços tenham aceitado a se considerar negros.

Apesar das dificuldades, o movimento negro tem lutado e perseverado. Uma parte do seu direito foi cedida durante o Governo de Fernando Henrique Cardoso na década de 90 através de pressões que esse movimento causou para inclusão social. Apesar de algumas conquistas terem sido conquistadas no governo do FHC, com o governo Lula/ PT, nas primeiras décadas do século XXI ocorreu criação de políticas afirmativas e cotas como reconhecimento de uma dívida histórica para com os negros e como mecanismo de inserção na sociedade e participação de oportunidades, foi com esse governo que o movimento negro conseguiu com mais intensidade o seu reconhecimento.

Este tópico de forma simplificada quis evidenciar outra significação do mestiço em um curto período, o mestiço valorizado por Gilberto Freyre sendo ícone da identidade nacional brasileira em contrapartida sendo questionado por movimentos negros a aceitarem a identidade negra para lutar pela inclusão e direitos.

### **RELAÇÃO: PARDO/ MESTIÇO E CENSO DEMOGRÁFICO NO BRASIL: ênfase nos censos 1872, 1890, 1940 e censo de 2010.**

No Brasil a contagem das pessoas já era realizada desde o período colonial, era um levantamento simples que auxiliava na administração monárquica. A cada década e anos que passava os levantamentos tornavam-se melhores e mais detalhados. Em 1872 foi realizado no Brasil o primeiro levantamento oficial estatístico constavam categorias de sexo, cor, deficiência física, escravos, homens livres entre outras subcategorias. Este levantamento oficial de 1872 é reflexo de um racismo, são feitas várias tabelas de acordo com as categorias, mas com uma análise é possível depreender que há uma segregação entre raças, pois: uma está referenciando ao levantamento geral em que todas as informações resumidamente estão



Com um recorte da imagem é possível compreender a segregação e hierarquização que corroborava para a existência do racismo:

RAÇAS							
dos Homens				das Mulheres			
Escravos	Pardos	Pretos	Caboclos	Branco	Pardas	Pretas	Caboclas
6911	4210	711	19161	4300	3046	625	17677
59663	46899	9200	22827	42971	46328	7629	21762
52207	71682	12504	5509	51246	72099	12780	5434
22208	53474	7505	7130	21239	53191	7357	6318
136949	172841	14424	26701	131895	166325	14510	24186
52835	42213	12202	5471	49310	41877	11163	5588
73475	89921	11155	4882	71249	88975	10961	4685
149630	194397	30735	5943	141229	192054	20001	5892
45943	98916	8220	3105	43455	101283	8687	3259
24368	39624	5921	1636	26420	42059	9851	1551
172603	227131	127674	27043	152874	278573	127153	22839
13550	9648	3396	3009	13027	10881	3443	2520
96256	22762	14198	665	55544	22083	14268	268
180595	61542	29317	4152	142680	59703	28198	3706
231290	76288	29512	3124	212172	75018	27027	18221
35900	15358	8292	4718	33762	15278	3449	4369
63502	5941	2199	1446	62440	5796	2048	1446
136994	24487	17828	12613	122273	24179	16444	13104
421861	302949	105507	17276	400126	295865	101517	15050
21152	42482	9688	2246	20777	43907	8087	2004
9027	10827	3801	4276	6210	10087	3214	4248
1911772	1672971	472008	200948	1815617	1650307	449142	186007

Tabela Fonte: Imagem recortada do site Biblioteca Nacional IBGE: Recenseamento de 1872,

Tabela de levantamento geral; consultado em dezembro 2017 –(grifo nosso).

Esse recorte<sup>3</sup> (na tabela da página seguinte) se refere em evidenciar que no levantamento geral de 1872 é possível perceber a categoria racial branca, diferentemente da tabela de levantamento dos escravos do mesmo censo. A categoria racial branca some não restando dúvidas de que há uma hierarquia racial e que o ser branco tinha seus privilégios. Através da próxima tabela<sup>4</sup> pode-se inferir essa informação:

<sup>3</sup> Tabela: A Tabela referente ao censo de 1872 foi retirada da fonte Biblioteca Nacional IBGE disponível em [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv25477\\_v1\\_br.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv25477_v1_br.pdf)

<sup>4</sup> Tabela: Idem

escrava considerada em relação aos sexos, estados civis, raças, religião, nacionalidades e grão de																	
Cidades	Total	ESTADOS CIVIS						Raças				Religião				Nacionalidades	
		dos homens			das mulheres			dos homens		das mulheres		dos homens		das mulheres		dos homens	
		Solteiros	Casados	Vivos	Solteiras	Casadas	Vivas	Pardos	Preto	Pardas	Pretas	Caboclos	Acatólicos	Católicas	Acatólicas	Brasileiros	Estrangeiros
492	979	473	9	5	482	7	3	201	286	171	321	487	.....	492	.....	479	8
550	27458	12708	938	272	12468	760	322	5747	8161	5887	7718	13908	.....	13550	.....	13606	302
560	74939	35198	1356	340	36388	1291	376	11679	25210	11652	26398	36889	.....	38050	.....	35964	955
350	28795	10869	869	217	11267	432	151	4626	7319	5208	6642	11945	.....	11850	.....	11780	165
972	31913	13870	919	152	15797	979	196	8589	6402	9715	7257	14941	.....	16972	.....	14904	37
449	13020	6203	307	61	6099	283	67	3188	3388	3171	3278	6571	.....	6449	.....	6328	243
845	21526	9810	738	138	9941	697	207	4780	5951	4910	6935	10681	.....	10845	.....	10579	102
005	89028	41978	4199	846	37230	3702	1078	13516	33507	12122	29833	47023	.....	42005	.....	46236	1787
825	35741	15757	1787	369	16033	1396	399	5072	12341	6531	12297	17903	.....	17828	.....	16436	1447
785	22823	9455	1206	139	10407	1244	132	4644	6196	4796	6937	10540	.....	11783	.....	10228	612
730	167824	69991	15028	4075	83411	11730	3639	37297	61797	28071	50659	89094	.....	78730	.....	83186	5008
800	22859	10163	1457	239	9252	1335	213	3407	8452	3445	7355	11859	.....	10800	.....	10571	1288
053	48339	24525	243	118	23584	262	207	5275	19611	5786	18267	24886	.....	24053	.....	18909	6377
243	292637	146709	12268	3417	115554	11230	3450	43595	118739	36234	94009	162394	.....	130243	.....	126875	35519
572	106612	74414	11437	2189	66484	9837	2201	24474	63566	20678	47894	88040	.....	68572	.....	79607	8433
064	19660	5108	323	76	4711	267	86	2010	3496	2099	2955	5606	.....	6054	.....	5029	477
916	14984	7905	126	38	6766	95	34	2383	5486	2274	4641	8069	.....	6915	.....	7238	381
105	87791	34699	814	173	30933	389	283	11560	24126	11031	21074	35686	.....	32105	.....	32391	3295
026	370459	174136	18196	7102	148737	15741	6547	57116	142318	48540	122485	199434	.....	171025	.....	182501	16933
280	30652	4709	511	152	4675	445	160	2045	3327	2064	3216	5372	.....	5280	.....	5238	89
035	6667	3169	353	110	2690	354	91	1525	2107	1345	1690	3632	.....	3035	.....	3400	232
036	1510306	711869	73079	20222	622304	63016	19816	252324	552346	224630	480956	805170	.....	705636	.....	719630	35540

Tabela Fonte: Imagem recortada do site Biblioteca Nacional IBGE: Recenseamento de 1872,

Tabela de levantamento geral; consultado em dezembro 2017 –(grifo nosso).

Enfatizar que o quadro vermelho evidencia o termo PARDO e PRETO; o quadro azul evidencia o nome a categoria: CABOCCLO.

Vale ressaltar que o período de 1890 é o início do Brasil República e também o abolicionismo dos escravos que mesmo assim ainda existia na categoria homens escravos/livres. É possível depreender que o pardo aparece na categoria escrava, ou seja, o pardo foi um sujeito escravizado. Ocorre também o aparecimento do caboclo é possível questionar que exista uma diferenciação entre caboclo e pardo segundo CARDOSO (2014, p.8), o primeiro mestiço teria sido fruto do português branco com a indígena devido que não havia ainda africanos no Brasil e nem existia mulheres brancas portuguesas nas embarcações das Grandes Navegações de Portugal, mas bem antes da colonização, o pardo conceituado por Caminha já atribuía essa categorização ao indígena, então pardo nesse momento poderia significar: o fruto mestiço reflexo da hibridação branco com negro ou se retratar ao próprio indígena; o caboclo apareceu neste censo 1872, nem estava incluído na tabela que retrata sobre Escravos na categoria raças problematizando ainda mais esta pesquisa; comprovando-se que a respeito de temáticas significativas de âmbito racial as literaturas ainda estão escassas que abordem esta questão. O foco do trabalho não consiste apenas em problematizar, mas na tentativa de buscar novas significações quer sejam cabíveis ou não de esclarecimentos.

Prosseguindo a análise em outro censo de 1890 há mais uma diferenciação, o termo pardo some e aparece mestiço, permanecendo as categorias: pretos, brancos e caboclos,



possível depreender através de um recorte de um artigo de OLIVEIRA<sup>5</sup> (2003) cujas informações foram extraídas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística:

**QUADRO 1: VARIÁVEIS INVESTIGADAS, PERÍODO DE REFERÊNCIA E ÓRGÃO CENSITÁRIO NOS CENSOS DEMOGRÁFICOS DE 1872,1890,1900 E 1920**

**BRASIL**

VARIÁVEIS	ANOS			
	1872	1890	1900	1920
Nome	X	X	X	X
Sexo	X	X	X	X
Idade	X	X	X	X
Cor/raça	X (Branca, preta, parda e cabocla)	X (Branca, preta, cabocla e mestiça)	-	-

Fonte da Tabela: Quadro recortado Brasil mostra a tua cara: imagens da população brasileira nos censos demográficos de 1872-2000, PUC/RJ, 2003. p. 48 –(grifo nosso)

Posteriormente, em outra tabela que refere ao ano 1940 em diante, soma-se o mestiço e reaparece a categoria parda novamente:

**QUADRO 2: VARIÁVEIS INVESTIGADAS, PERÍODO DE REFERÊNCIA E ÓRGÃO CENSITÁRIO NOS CENSOS DEMOGRÁFICOS DE 1940, 1950, 1960 E 1970**

**BRASIL**

VARIÁVEIS	ANOS			
	1940	1950	1960	1970
Nome	X	X	X	X
Sexo	X	X	X	X
Idade	X	X	X	X
Idade presumida	X	X		X
Cor/raça	X (branca, preta e parda [caboclo, mulato, moreno] e amarela)	X (branca, preta, parda [índio, pardo, caboclo, mulato, cafuso, mestiço], e amarela)	X (branca, preta, parda, amarela e indígena)	-

Fonte da Tabela: Quadro recortado Brasil mostra a tua cara: imagens da população brasileira nos censos demográficos de 1872-2000, PUC/RJ, 2003. p. 50 –(grifo nosso)

<sup>5</sup> Jane Souto de Oliveira tem Doutorado em Saúde Coletiva; graduada em Ciências Econômicas pela PUC/RJ em 1969. A imagem foi um recorte do artigo: Brasil mostra a tua cara: imagens da população brasileira nos censos demográficos de 1872 a 2000– Rio de Janeiro: Escola Nacional de Ciências Estatísticas, 2003 p. 48 disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv2434.pdf>

Uma observação interessante a se relatar é que o mestiço no censo de 1872 não aparecia e no censo de 1890 aparece sendo que em 1940 o pardo reaparece e some-se o mestiço, deixa-se, portanto, uma hipótese que mestiço e pardo nesse contexto histórico existia uma correlação similar, porém carregava outra significação pela qual não seria mais o índio colonial, o pardo/mestiço recebia outro atributo que se torna uma incógnita que merecem estudos aprofundados e esmiuçados.

A cada censo com base desta página o termo pardo permanecia como categoria e recebia outros componentes diferentes hibridizados.

A diversidade de cores reflete em nosso país e essa diferença abrange na categoria parda como mostra na tabela acima, a categoria branca dificilmente a diferenciação é questionada, mas o pardo possui vários, prova disso foi um levantamento de pesquisa feito pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) em 1976. Este trabalho com perguntas a respeito de qual a sua cor, e raça origem pertencente resultou na totalização de 136 tipos de cores. Este levantamento proporcionou a criação de uma obra criativa da artista plástica Adriana Varejão nomeada: Polvo ela retratou em tubos de tinta as cores relatadas no PNAD em 1976. Adriana chega a afirmar que “sou a favor de cotas porque somos todos racistas”; Cores como: morena- bem- chegada, cor-de-ouro, puxa-pra-branco, moreno-jambo entre tantas outras refletem que no Brasil as características fenotípicas (cabelo, formato do rosto, cor de pele) se relacionam numa fuga de assumir a identidade negra com o almejo de ser branco, pois o fenótipo fala mais alto que o genótipo (diferente do mecanismo dos Estados Unidos, uma gota de sangue contamina) e pela autoclassificação ocorreu a criação diversas cores que se enquadra no pardo, a identidade diferente, mestiça e questionada desde o século XVIII.



Analisando-se o gráfico, o levantamento do PNAD 1976 e o trabalho artístico plástico de Adriana Varejão parecem relacionar-se com o número distinto entre Branca e Preta, Parda e Preta do censo de 2010. Fontes de pesquisa da folha de São Paulo (1998) foi comprovado a existência do racismo praticado pelo outro, um racismo inserido mais em atitudes nas brincadeiras do que nas palavras e jogando a responsabilidade no outro, segundo SCHWARCZ (2012, p.24), existe um racismo peculiar, as fontes das pesquisas realizada em São Paulo evidenciam que a maioria das pessoas, 97% afirmaram não terem preconceito, porém 98% dos mesmos entrevistados afirmaram ver alguém praticar preconceito. No Brasil atual há racismo, um racismo peculiar e manobrado e existente nas instituições e o pardo passa a significar uma categoria de fuga da identidade negra por temer as consequências de se assumir como negro na expectativa de caminhar mais ainda para ser branco.

## **METODOLOGIA**

Para a realização deste trabalho é preciso destacar o que o motivou:

- Saber quem eu sou, qual categoria de identidade sou pertencente?
- Evidenciar a escassez literária histórica mais claras no Brasil referente a categoria racial.
- Buscar significações sobre o pardo, uma identidade complexa e diversa.

Este trabalho foi feito com fontes de caráter primário com fonte da Carta de Caminha e dados históricos dos censos do IBGE e formulado também a partir de literaturas

secundárias, a busca de livros e referenciais teóricos a respeito deste tema foi fundamental importância, livros que retratou vestígios do pardo desde documentos antigos até os livros mais atuais citados na bibliografia e em todo o processo deste projeto. O processo escolher fontes e filtrar as informações foi através de orientação através da obra de LUNA(1997). Segundo a obra de Luna (1997, p.14) “a primeira regra na escolha de fontes de informação: escolha a fonte mais direta possível. A segunda regra é: esteja preparado para assumir, na análise das informações, as implicações da escolha feita” através deste fragmento foi possível executar o planejamento deste trabalho, o processo de escolha dos livros foi analisados para corresponder a demanda da pesquisa que foi uma busca histórica a respeito de um determinado objeto, no caso o pardo. Não somente livros, fontes de internet foi escolhida para este trabalho e assim como os livros, os sites passaram por análises que correspondessem à demanda da pesquisa; sites com pesquisas específicas auxiliou bastante na busca de documentos históricos através dos acervos digitais disponibilizados em sites como IBGE que para além da questão leituras e busca de informações foi necessária organização da coleta das ideias. Lourenço Cardoso tem uma participação importante neste projeto, pois através das fontes coletadas orientava-me e despertava o interesse e o prosseguir nesse projeto na busca de novas possibilidades de reinterpretar o pardo para a organização e elaboração desta pesquisa.

Resumidamente este projeto foi feito através de pesquisas bibliográficas, leituras de materiais teóricos e a medida que uma pista do pardo era encontrada, focava-se no contexto histórico e no sujeito pardo em busca de suas características, para relatar o pardo e sua significação naquele período analisado. Esta pesquisa é inteiramente baseada em referenciais teóricos e baseada no método misto: qualitativo e quantitativo. Qualitativo refere-se a caracterização deste trabalho ser descritivo, informativo, expositivo e quantitativo na exposição de gráficos para análise numérica entre as categorias raças do censo do IBGE e tabelas sendo que elas retratam organizações históricas sobre a classificação do indivíduo social em um período histórico. Foi de extrema importância o método quantitativo, ele possibilitou esmiuçar uma significação, a descoberta do caboclo e mais uma vez evidenciar a necessidade de trabalhos destinados a esta temática.

## CRONOGRAMA

Atividades	Mai/ 2017	Jun/ 2017	Jul/ 2017	Ago/2 017	Set/ 2017	Out/ 2017	Nov/ 2017	Dez/ 2017	Jan/ 2018
Revisão da bibliografia	X						X	X	
Orientações			X			X	X	X	
Elaboração do projeto	X					X	X	X	
Leitura fundamentação teórica						X	X	X	
Leitura mais específicas								X	
Defesa								X	
Reavaliação e reestruturação do projeto									X

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Adriana Varejão: Polvo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/todas-as-peles-de-adriana-varejao-sao-reunidas-na-mostra-polvo-em-sao-paulo-12069345>. Acesso dezembro de 2017.

Biblioteca Nacional IBGE. Disponível em: [http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv25477\\_v1\\_br.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv25477_v1_br.pdf) acesso em dezembro de 2017

CAMINHA, Pero Vaz de. Célebre Carta de “achamento do Brasil”, 1500: [http://objdigital.bn.br/Acervo\\_Digital/livros\\_eletronicos/carta.pdf](http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/carta.pdf).

CARDOSO, L. O branco ‘invisível’, um estudo sobre a emergência da branquitude nas pesquisas sobre relações raciais no Brasil [Período: 1957-2007]. Dissertação (Mestrado em Estudos Sociais), Universidade de Coimbra, Coimbra, 2008.

CARDOSO, L. O branco ante a rebeldia do desejo: um estudo sobre branquitude no Brasil [Tese de Doutorado]. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil, 2014.

FERNANDES, Florestan, 1920-1955. **A integração do negro na sociedade de classes**. Vol 1, 5° ed.- São Paulo: Globo, 2008.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**/ Apresentação de Fernando Henrique Cardoso – 48° ed. rev – São Paulo: Global, 2003.

Gráfico censo 2010, IBGE. Disponível em: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2011/04/ibge-atualiza-dados-do-censo-e-diz-que-brasil-tem-190755799-habitantes.html>. Acesso em novembro 2017

HOLANDA, Sergio Buarque de, 1902-1982, **Raízes do Brasil**, -27° ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso dezembro 2017

LOPES, Joyce Souza. Branco Mestiço(a): problematização sobre a construção de uma localização racial intermediária. Revista ABPN, vol 6 n° 13. Mar/Jun 2014 p 47-71

LUNA, Sérgio Vasconcelos de. **Planejamento de pesquisa: introdução**. São Paulo: Educ. 1997.

Memória IBGE censos demográficos. Disponível em: <https://memoria.ibge.gov.br/sinteses-historicas/historicos-dos-censos/censos-demograficos.html>. Acesso em dezembro de 2017

MESSIAS, Ivan dos Santos. Hip Hop, educação e poder: o rap como instrumento de educação não-formal. Dissertação pós-graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal, na Faculdade de Comunicação, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Cultura e Sociedade, 2008:

MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo Mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis, RJ. Vozes. 1999

OLIVEIRA, Jane Souto de “Brasil mostra a tua cara”: imagens da população brasileira nos censos demográficos de 1872 a 2000. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Ciências Estatísticas, 2003, p. 48-50.

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, 1976: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/59/pnad\\_1976\\_v1\\_t9\\_rj\\_sp.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/59/pnad_1976_v1_t9_rj_sp.pdf)

Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil/ Iray Carone, Maria Aparecida da Silva Bento (organizadoras). 6ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SCHWARCZ, Lília Moritz, 1957- **O espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil- 1870-1930**, São Paulo: Companhia das Letras, 1993

SCHWARCZ, Lília Moritz, **Brasil: uma Biografia**/ Lília Moritz e Heloisa Murgel Starling – 1° ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SCHWARCZ, Lília Moritz, **Nem preto nem branco muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira**, - 1° ed. - São Paulo: Claro Enigma, 2012.

VICENTINO, Cláudio, **História para o ensino médio: história geral e do Brasil**, volume único/Claudio Vicentino, Gianpaolo Dorigo. – São Paulo: Scipione, 2001